



ABRIL 1999

# Eles lutam pelo DIREITO DE SABER

Por DANIEL LEVINE E FLOYD WHALEY

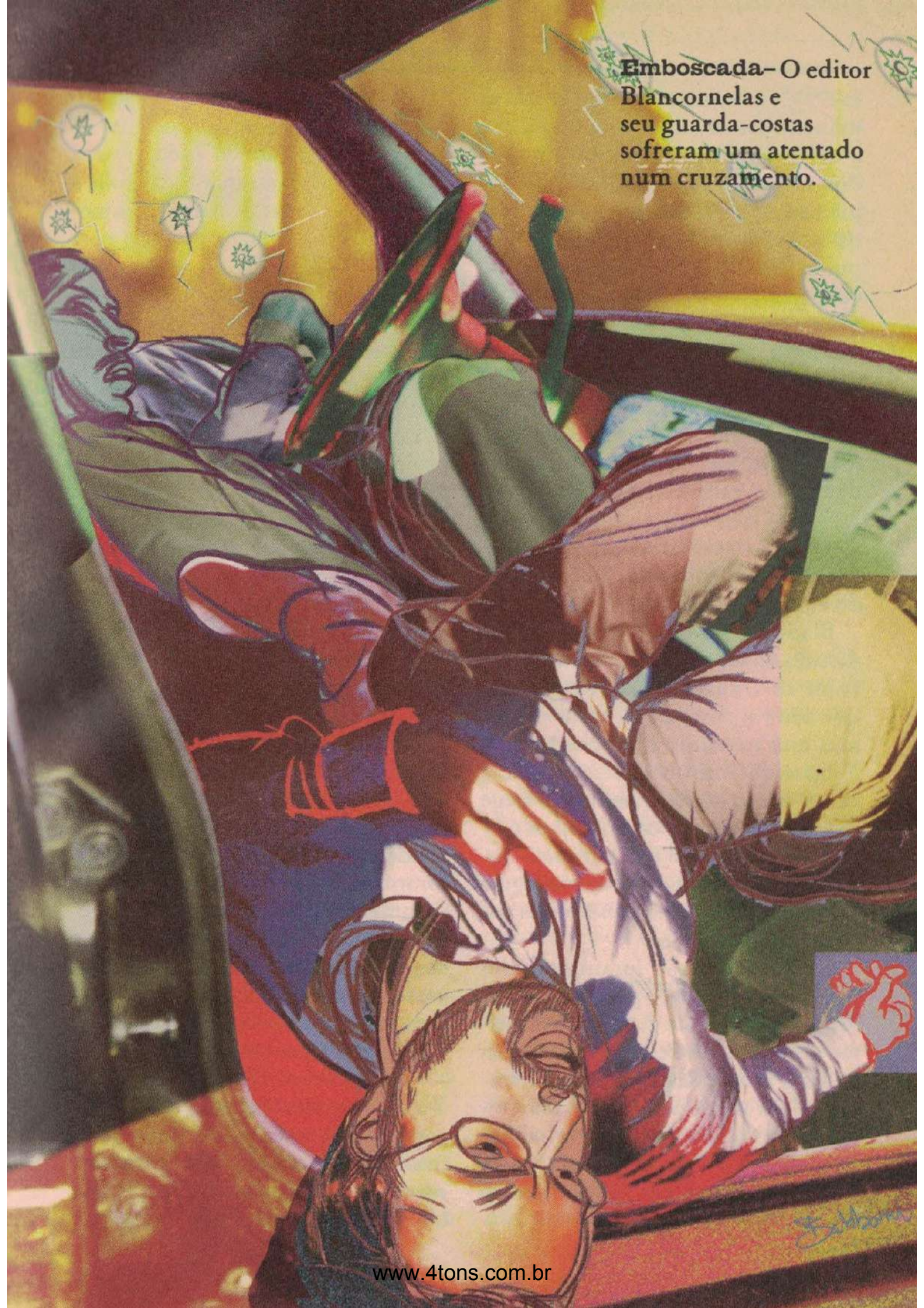
A liberdade de imprensa é um direito garantido? Nem sempre. Nesta década quase 500 jornalistas foram assassinados simplesmente por dedicação a seu trabalho. Muitos outros foram jogados na prisão, atacados ou ameaçados. Eis a história de quatro desses jornalistas.

## México

**N**A MANHÃ de 27 de novembro de 1997, um Ford Explorer vermelho rodava pelas ruas de Tijuana, conduzindo um homem marcado: J. Jesús Blancornelas, 61 anos, editor do combativo semanário *Zeta*. Ao longo dos anos Blancornelas publicara numerosas histórias revelando a corrupção no governo mexicano. Mais recentemente, fizera denúncias sobre o poderoso cartel de tráfico de drogas de Arellano Félix, que tem um dos líderes na lista dos Dez Mais Procurados do FBI.

Num cruzamento, um sedã verde parou bruscamente na frente do veículo e três homens começaram a atirar com armas automáticas. O guarda-costas Luis Valero gritou para que Blancornelas se deitasse no chão – mas nada menos do que sete pistoleiros os cercaram, disparando à queima-roupa. Quando chegou ajuda, Valero estava morto e Blancornelas resistia precariamente.

Durante sua carreira como repórter investigador, Blancornelas perdeu o emprego em três jornais pelo que chama de “razões políti-



**Emboscada-** O editor  
Blancornelas e  
seu guarda-costas  
sofreram um atentado  
num cruzamento.

## China

cas". Convencido de que a única maneira de divulgar a verdade era a de ter a própria publicação, ajudou a fundar o jornal *ABC*, de Tijuana, em 1977. Sua crítica destemida ao governo tornou-o muito popular. Em 1979, porém, um sindicato pró-governista invadiu o jornal e assumiu a direção. Blancornelas fugiu para San Diego, nos EUA, onde ajudou a lançar o *Zeta*. Em 1982, voltou ao México.

Atualmente esse jornal é muito respeitado pelo trabalho independente que realiza. Mas sua cobertura agressiva tem feito muitos inimigos. Em 1988, o co-fundador do *Zeta*, Héctor Félix Miranda, foi emboscado e morto a tiros.

Blancornelas quase teve o mesmo destino no ataque de 1997. Agora de volta ao trabalho, o jornalista diz que não vai parar de publicar o *Zeta*, mas está tomando mais precauções. Tropas do Exército guardam-lhe a casa e o escritório, a polícia protege sua família e três dos principais editores, e soldados o escoltam nos trajetos diários. Blancornelas carrega a própria Beretta calibre .380 e usa colete à prova de balas.

No último verão foram emitidos mandados de prisão para sete membros da gangue de Arellano, suspeitos de terem participado do ataque. Mesmo assim, Blancornelas comenta: "Sou a única pessoa que sobreviveu a um ataque desses traficantes. Sinto como se tivesse uma arma apontada para minha cabeça – e não sei quando vai disparar."

**N**UMA TARDE de outubro de 1993, Gao Yu preparava-se para viajar quando a polícia chegou a seu apartamento. A famosa jornalista ia tomar um avião para a cidade de Nova York, onde passaria um ano na Faculdade de Jornalismo da Universidade de Colúmbia, que lhe havia concedido uma bolsa de estudo. No entanto, ela jamais conseguiu chegar ao aeroporto.

Em vez disso, foi levada para a prisão, onde passou cinco meses antes que as autoridades chinesas a acusassem de "espionagem e divulgação ilegal de segredos de Estado". Após o julgamento, ao qual sua família foi proibida de assistir, sentenciaram-na a seis anos de prisão.

O tribunal declarou que os artigos escritos por Gao para duas publicações de Hong Kong ameaçavam a segurança nacional da China. As matérias – sobre os planos de reorganização abandonados pelo governo e sobre a influência ainda exercida pelo líder aposentado Deng Xiaoping – foram baseadas em fontes governamentais e relatórios da imprensa oficial chinesa. Em qualquer país livres tais reportagens seriam consideradas corretas e rotineiras. Mas ali forneceram um pretexto: o governo desejava silenciar uma pessoa incômoda.

Com pouco mais de 30 anos Gao Yu foi considerada uma das principais escritoras do país e poderia ter tirado vantagem da fama para conseguir um confortável emprego público. Em vez disso, entrou para o



**‘Não vou pedir clemência’,** declarou Gao Yu na prisão.

*Economics Weekly*, que ousava discutir a reforma política.

No fim de maio de 1989, oficiais chineses suspeitaram que Gao Yu fosse simpatizante dos ativistas pró-democracia reunidos na Praça Tiananmen. Ela foi presa em 3 de junho, pouco antes que as tropas abrissem fogo contra os manifestantes. Embora não houvesse qualquer acusação, passou os 15 meses seguintes na prisão. Libertada, retornou a Pequim – e ao jornalismo. Seu marido, Zhao Yuankang, diz: “Se ela achava que alguma coisa não era certa, estava sempre pronta a denunciar.” Seu

corajoso profissionalismo levou-a novamente à prisão em 1993. Nos mais de cinco anos em que ficou presa, seu corpo enfraqueceu em razão de problemas cardíacos, o rosto inchou e as mãos racharam com uma doença de pele.

Quando Zhao visitou sua mulher na prisão, ainda viu nela a vibrante intelectual com quem se casou há três décadas. Zhao disse-lhe que o governo lhe concederia um livramento condicional por motivos médicos se Gao se declarasse culpada das acusações contra ela.

– Não vou pedir clemência – replicou Gao com firmeza.

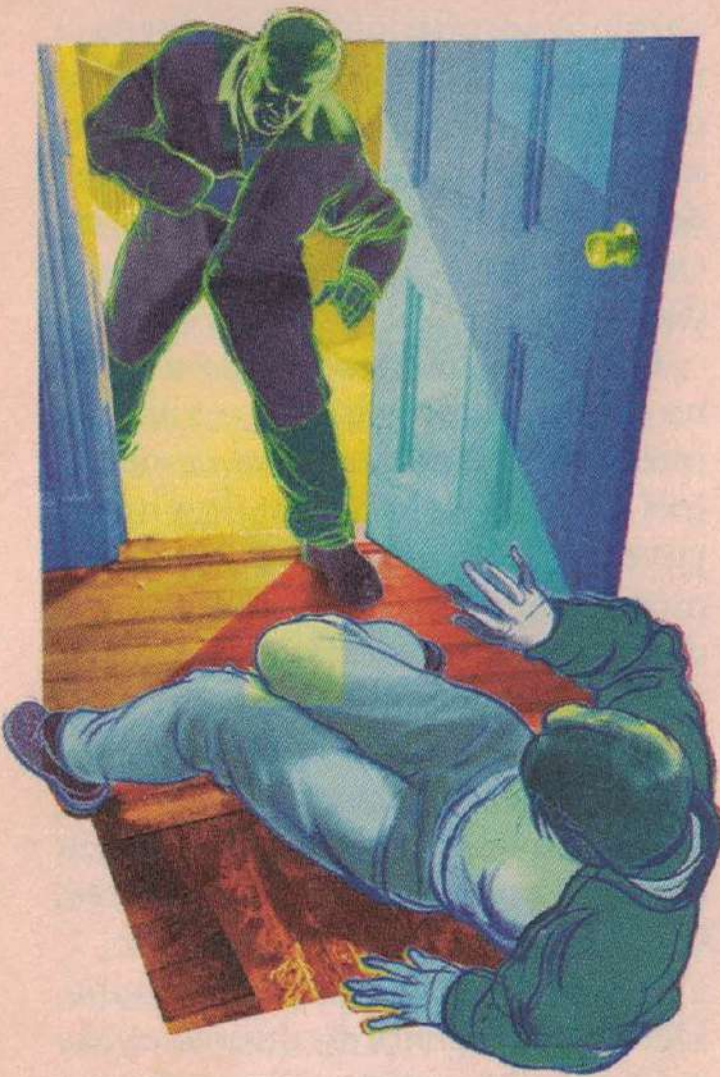
Era o que Zhao esperava. Em seu depoimento ao tribunal em 1994, Gao Yu declarou:

– Não sinto nenhuma vergonha. Defendi os maiores interesses do país com meus textos. São vocês que envergonham nosso país.

Sua determinação nunca diminuiu na prisão e ela jamais admitiu culpa. Foi o governo que finalmente recuou, libertando-a em fevereiro deste ano. Gao, agora com 55 anos, pretende retomar sua bolsa na Universidade de Colúmbia.

## **Irlanda**

**V**ERONICA Guerin tinha 32 anos quando conseguiu um emprego no *Sunday Business Post* de sua cidade natal, Dublin. Era sociável e encantadora, mas quando investigava uma história mostrava-se infatigável. Era capaz de bater todos os dias à porta de alguém que



## **Baleada na perna,** Veronica Guerin não se deixou intimidar.

relutasse em dar entrevistas, durante semanas, até que a pessoa concordasse em falar. “Foi a repórter mais incansável que já conheci, chegando ao ponto da obsessão”, conta um ex-editor, Damien Kiberd.

Com seus furos de reportagem, Veronica conseguiu emprego em 1994 como repórter policial no mais popular jornal da Irlanda, *The Sunday Independent*. Passava a maior parte do tempo no carro, atrás de histórias sobre suspeitos de tráfico de

drogas, e fez uma série de denúncias.

Em outubro de 1994, pela janela de sua casa foram disparados tiros no local onde estivera brincando com o filho de 4 anos. Numa tarde de janeiro de 1995, ao atender à porta de casa, um pistoleiro atirou em sua perna. Deixando o hospital de muletas, Veronica fez o marido levá-la à casa de vários chefões do submundo e lhes disse que não se deixaria intimidar. Por algum tempo a situação se acalmou.

Sob 24 horas de proteção policial, ela se queixou de não conseguir fazer o seu trabalho: caçar bandidos. A proteção foi retirada.

Em 26 de junho de 1996, Veronica parou no sinal de uma estrada perto de Dublin. Um homem desceu de sua motocicleta, aproximou-se da janela do carro e disparou quatro tiros contra o peito da jornalista. Veronica morreu na hora.

Ela fizera tantos inimigos com seu trabalho que inicialmente a polícia tinha 150 suspeitos. Em novembro do ano passado um homem de Dublin foi condenado como cúmplice de seu homicídio, e é provável que o mesmo aconteça a vários outros.

William A. Orme Jr., ex-diretor-executivo do Comitê de Proteção aos Jornalistas, associação de luta pela liberdade de imprensa em Nova York, compara Veronica aos repórteres que *cobriram* Al Capone e outros gângsteres do começo do século: “Ela era um cruzado na luta contra o crime. Achava que tinha de se impor a essas pessoas perigosas para conse-

guir a história – um tipo de jornalista que se tornou fora de moda para a atual geração de repórteres.”

Segundo Michael Foley, do *The Irish Times*, Veronica Guerin “aproximou-se dos criminosos de um modo que nunca havia sido feito antes. Essa foi a razão por que conseguiu revelar tantas histórias – e pode muito bem ter sido o motivo de sua morte”.

## Zâmbia

**H**Á NOVE ANOS, Fred M'membe era contador quando o ditador da Zâmbia, Kenneth Kaunda, anunciou que permitiria eleições livres. M'membe e outros nove fundaram o Movimento pela Democracia Multipartidária, e entre os líderes deste incluía-se seu amigo Frederick Chiluba. Ávidos por criar uma voz que fosse independente do controle governamental, M'membe e os companheiros lançaram o *The Post*. Três meses depois, em outubro de 1991, Chiluba alcançou a vitória, elegendo-se presidente, mas em dois anos seu governo estava recorrendo à repressão para silenciar os críticos.

O que faltava a M'membe e seu grupo em experiência profissional sobrava em determinação. *The Post* logo se tornou o líder da imprensa independente do país. As críticas a Chiluba e seu governo resultaram em batidas policiais a suas redações e casas, e em repetidas prisões.

Quando M'membe chegou ao trabalho em 6 de fevereiro de 1996, encontrou tropas paramilitares mantendo o pessoal na mira das armas.

Na edição do dia anterior, M'membe havia publicado detalhes de propostas de mudanças constitucionais que o presidente Chiluba queria manter secretas.

Todos os exemplares do jornal desse dia foram confiscados e M'membe e dois colegas mantidos presos por dois dias sem audiência judicial. Eles enfrentaram a perspectiva de 25 anos atrás das grades antes que as acusações fossem rejeitadas pela Suprema Corte da Zâmbia.

Então, em 1996, o líder do Parlamento declarou que o país não devia copiar as tradições democráticas ocidentais que permitiam aos cidadãos protestar livremente contra a política do governo. Num mordaz editorial M'membe argumentou que o próprio sistema parlamentar da Zâmbia era copiado do Ocidente. O Parlamento, clamando contra a linguagem “claramente insolente” do jornalista, decretou sua prisão até que se desculpasse. M'membe escondeu-se. Quando por fim se rendeu, foi jogado numa cela superlotada com outros 80 presos. Dormir era praticamente impossível e as péssimas condições sanitárias resultaram em surtos de disenteria e tuberculose. Após quase um mês, um juiz libertou M'membe – decisão contra a qual o governo está apelando.

Enquanto isso, Fred M'membe mantém-se firme. E admite que às vezes sente medo. “Até um leão fica amedrontado. Mas o medo não deve impedir que façamos o que é certo.”

\*\*\*